

JOÃO AMENDOEIRA PEIXOTO

MEMÓRIAS DE D. NUNO ÁLVARES PEREIRA EM TOMAR

o Santo Condestável



Título – *Memórias de D. Nuno Álvares Pereira em Tomar*
O Santo Condestável

Autor – João Amendoeira Peixoto ©

www.joaamendoeira.com

Fotografia: Paulo Guedes Peixoto

Formato E-Book

2018

Este E-Book é Gratuito

Todos os direitos reservados ao autor de acordo com a Lei em Vigor

Gualdim Edições ©

www.gualdim.net



Nota do Autor

“Memórias de D. Nuno Álvares Pereira em Tomar” inclui artigos já publicados no *Jornal Cidade de Tomar* entre 2016 e 2017, que agora disponibilizo em formato E-book.

Nestes artigos há informação preciosa recolhida das obras que contam os feitos dos anos de vida do Santo Condestável, revelando nomes e acontecimentos que precisam de ser valorizados e trazidos à recordação.

Esta é uma obra de valor para Tomar, pois através dela estamos a potencializar a importância histórica que teve durante a crise de 1383-1385, assim como, a enquadrar a perspectiva que demonstro de Tomar como centro de estratégia militar neste período.

Revelações Tomarenses que antecedem a Batalha de Aljubarrota (Parte I)

Artigo in *Jornal Cidade de Tomar* de 21 de outubro de 2016



Este artigo tem por objetivo, com base no enquadramento de Tomar na crise de 1383-1385, mostrar factos e elementos, pouco conhecidos e que tiveram peso preponderante no desfecho vitorioso na batalha de Aljubarrota, a que aqui denomino de “revelações tomarenses”.

Como enquadramento histórico, o rei de Portugal D. Fernando morre com 37 anos, tendo como única filha legítima D. Beatriz com cerca de 10 anos, em condição de ser esposa do rei de Castela D. Juan I. A viúva D. Leonor toma o poder aclamando reinar em nome da filha e do rei castelhano, elegendo o seu amante galego João Fernando Andeiro como seu consorte e ministro do reino.

Toda esta situação criou indignação entre toda sociedade portuguesa que levou a diversas revoltas e culminou numa guerra civil. O príncipe D. João de Avis, filho reconhecido de D. Pedro I, como príncipe de Portugal e meio-irmão do falecido rei D. Fernando, invade, a 6 de dezembro de 1383, o Paço do Concelho em Lisboa e mata João Andeiro, sendo D. João aclamado como defensor e regedor do reino. Após saber do ocorrido, D. Leonor pede auxílio ao rei de Castela, que tem em mãos o motivo para invadir Portugal. (1) (2)

Vários foram os cenários que ocorreram neste período a partir de 1383, que culminou com a Batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385. Tomar surge no centro deste conflito em diferentes momentos, sendo o mais conhecido o encontro, que antecedeu a batalha, das tropas de D. Nuno Álvares Pereira e as de D. João; que após as Cortes de Coimbra em março, foi nomeado rei de Portugal a 6 de abril de 1385, onde João das Regras teve um papel preponderante. (1) (2)

Dentro deste contexto histórico as revelações tomarenses a assinalar são as seguintes:

1ª Revelação Tomarense: D. Nuno Álvares Pereira sofre uma tentativa de suborno em Tomar

Em abril de 1384 acontece a vitória lusa na Batalha dos Atoleiros, em maio deste ano a frota castelhana chega a Lisboa e o rei de Castela fecha o cerco por terra, enquanto a frota portuguesa defende o norte de Portugal. (3)

No verão de 1384, um ano antes da Batalha de Aljubarrota, D. Nuno Álvares Pereira esteve em Tomar em diversas situações pontuais, com objetivos específicos. No início de Junho deste ano, a Ordem de Cristo tomou Ourém, com intervenção do Mestre da Ordem. Dias depois, D. Nuno terá realizado uma viagem de Évora para o Porto, passando por Tomar onde almoçou com o Mestre da Ordem de Cristo. Seguiu viagem, e alguns dias depois, quando vinha de Coimbra, voltou novamente a Tomar, seguindo caminho até Torres Novas no sentido de convencer um amigo a se aliar à sua causa, mas sem efeito. Fez nova viagem até Tomar (mês de julho), onde tomou a intenção de avançar até Lisboa, que estava sob ameaça castelhana, no entanto, os conselheiros do Mestre de Avis não apoiaram a investida e D. Nuno segue até Punhete onde é informado sobre um grupo de saqueadores castelhanos que se dirigiam para sul. (3)

A obra Crónica dos Carmelitas acompanha igualmente este momento e conta um acontecimento ocorrido em Tomar, em que após D. Nuno Álvares Pereira se livrar de uma traição em Coimbra, seguiu para Tomar, onde “foi notória a necessidade de dinheiro”, tendo na altura, a mando de Gonçalo Vasques de Azevedo, um judeu rico “de grande nome” em quem confiava a rainha D. Leonor de Teles e a favor do rei de Castela, apresentado um suborno de cerca de “mil dobras” e “mais lhe foi oferecido”. (4)

Nesta tentativa de suborno, D. Nuno Álvares Pereira não cedeu e de acordo com a mesma obra terá respondido: “Que lhe agradecia muito (...) mas por agora ainda se podia remediar”. De acordo com a mesma obra, o judeu “ficou tão admirado, como confusos os Autores do estratagemas”. (4)

E aqui aconteceu algo de notável, o Santo Condestável rejeitou uma tentativa de suborno em Tomar por valores avantajados, seguindo depois para o Alentejo onde travou um encontro com os castelhanos do qual saiu vitorioso, onde entre “mortos e prisioneiros; oitenta e seis”. (4)

2ª Revelação Tomarense: Encontro de D. João I com o cavaleiro William de Montferrant e as suas 40 lanças de gascões

Junto à capela de São Lourenço, na entrada de Tomar, estão o Padrão de D. João I, um painel de azulejo comemorativo e a Fonte de São Lourenço, dedicados a lembrar eternamente a tão importante união das tropas de D. Nuno Álvares Pereira e de D. João I, que traçou o destino da nação por mãos portuguesas. No entanto, é de destacar um outro encontro em Tomar, anterior a este, de igual importância e praticamente desconhecido. Na obra de José Soares da Silva, é referida uma passagem de D. João I

por Tomar, poucas semanas antes da Batalha de Aljubarrota, que vindo de Penela, se encontrou com o cavaleiro gascão de nome João de Monferrate. (5)

Numa outra obra, sem mencionar o encontro, esta passagem de Coimbra para Penela e depois para Tomar, é situada em Junho de 1385, estando D. João I e Nuno Álvares Pereira em terras nabantinas em finais deste mês (entre 25 e 30 de Junho). (3)

Os cronistas portugueses referem-se ao cavaleiro gascão como João de Monferrate, no entanto, o cronista Jean Froissart chama-lhe em francês Guilhem de Montferrant (ou Montferrand). (5) (6) A acrescentar que grande parte da informação recolhida por Jean Froissart, como prova o Conde de Vila Franca (1884), foi recolhida ao cavaleiro português João Fernandes Pacheco (1340-1420), que se cruzou com o cronista numa altura da sua vida em que participava em investidas na Prússia sob o comando da Ordem Teutónica. (7)

O cavaleiro Montferrant é descrito como “o veterano das sete batalhas”, presente nas batalhas de Crécy (1346) e de Poitiers (1356). Na sua estadia em Portugal, terá junto de D. João I elogiado as tropas portuguesas destacando a boa disposição, assim como, demonstrou ter um papel importante no que terá sido a tática para a batalha. (8)

Os gascões são originários do sudoeste de França, da Gasconha, terra de grandes guerreiros celtas gauleses, de destacar que o Ducado da Gasconha lutou na Batalha de Poitiers (1356) ao lado dos Ingleses contra o Reino da França. (9)

Desta forma, tal como aconteceu com os portugueses, onde até D. Nuno Álvares Pereira tinha irmãos do lado das tropas de Castela, existiam igualmente franceses dos dois lados das forças. Numa pesquisa que efetuei na base de dados de elementos medievais das armadas inglesas que estiveram em Portugal nesta altura surgem dois elementos com o título de cavaleiro participantes na mesma campanha lusitana, que poderão ser afinal o mesmo indivíduo. Eles são William de Mounferran e William de Montferrant, sendo que apenas o primeiro é assinalado como gascão e o segundo sem origem, dado importante pois coincide com todos os cronistas portugueses no que toca à nacionalidade e ao facto de ser cavaleiro. (10)

De acordo com o Conde de Vila Franca, com base num documento autêntico, o cavaleiro William de Montferrant, da Gascónia, veio a Portugal com um contrato singular, tendo, de acordo com outra fonte, a de Jean Froissart, se apresentado com um grupo de 40 lanças de gascões. (8)

A utilização de abatises, fossos e covas de lobo na Batalha de Aljubarrota, é a reprodução de um estratagema utilizado pelo exército inglês nas ilhas Britânicas e na Guerra dos Cem Anos (1337-1453), sendo que Nuno Álvares Pereira aperfeiçoou a sua utilização para a Batalha de Aljubarrota com os veteranos ingleses e gascões. (11)

Guilherme de Mounferrant está na lista de 54 nomes a quem foi entregue uma carta de proteção pelo rei de Inglaterra e que acompanhariam o Mestre da Ordem de San Thiago a Portugal. Este terá sido um documento que poderá ter apresentado a D. João I no seu encontro em Tomar. (12) Por sua vez, na obra *Chronica d'El Rei D. João I*, o cronista

Fernão Lopes dá-nos uma novidade, que outros ocultam quando recolheram a informação, revelando que em Tomar D. João I encontra “o cavaleiro gascão que chamavam Mosem João de Monferrara” e “el’Rei o recebeu mui bem e lhe fez mercê”. É importante destacar que esta obra foi escrita em 1443, poucos anos após a morte de D. João I, numa altura em que as memórias desses dias estão ainda muito presentes, no entanto, a fonte de Fernão Lopes pode tê-lo induzido em erro no que toca ao nome do cavaleiro. (13)

O certo é que o cavaleiro Montferrant, que se encontrou em Tomar com D. João I e D. Nuno Álvares Pereira, esteve na batalha de Aljubarrota do dia 14 de Agosto de 1385 na ala direita, onde comandou com Antão Vasquez, 200 lanças, 100 arqueiros, 100 besteiros e 750 peões, num total de 1150 homens onde se encontravam os ingleses e outros estrangeiros. Os seus quarenta gascões deveriam estar nesta mesma ala a seu lado. (5) (7) (14)

William de Montferrant (ou Mounferran) morreu neste dia no campo de batalha junto de muitos que com ele defenderam a causa lusitana. (7)

Outros elementos estrangeiros estiveram presentes, com sua passagem por Tomar, no entanto, este cavaleiro gascão destacou-se, provavelmente pela sua personalidade, experiência e conhecimento tático, qualidades que terão sido necessárias na tática portuguesa.

É difícil de determinar, em qual dos três barcos vindos de Inglaterra, teria vindo a comitiva da Gasconha, dado terem desembarcado separadamente no Porto, em Setúbal e em Lisboa respetivamente. No entanto, após um desembarque aparatoso da nau inglesa em Lisboa, os registos referem que estas tropas aliadas se dirigiram para Évora, o que poderá ser indicador da comitiva de Montferrant ter vindo do norte até Tomar, ou seja, fruto do primeiro desembarque no Porto. (5) (6) (7)

O encontro com os gascões de Montferrant torna-se assim um momento histórico a valorizar na história de Tomar, dada a importância de conhecimento tático e bravura destes guerreiros de elite alguns deles sobreviventes dos campos de batalha britânicos e da Guerra dos Cem Anos.

(continua)

(Ilustração de autor desconhecido retirada da obra “Crónica do Condestável” – Século XIV)

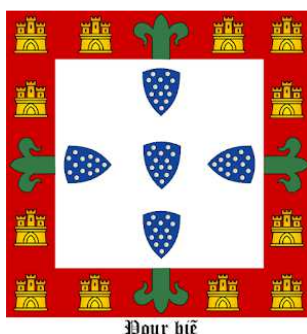
Bibliografia:

- (1) Gomes, Rita. D. Fernando. Temas & Debates. 2009.
- (2) Ribeiro, Ângelo. História de Portugal. Volume 2. Coordenação José H. Saraiva. 2003.
- (3) Lvsitania Sacra. Nuno Álvares Pereira: a sua cronologia e o seu itinerário. Lisboa. 1960.
- (4) Santana, José Pereira de. Crónica dos Carmelitas. 1745.
- (5) Silva, José Soares da. Memória para a História de Portugal. Volume 3. 1732.
- (6) Russel, Peter. The English intervention in Spain & Portugal in the time of Edward III & Richard II. Clarendon Press. 1955.
- (7) Conde de Vila Franca. D. João I e a Aliança Inglesa. Lisboa. 1884.
- (8) Memórias da Academia de Ciências de Lisboa. Volumes 16-17. 1975.
- (9) https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Poitiers
- (10) <http://medievalsoldier.org>
- (11) Monteiro, João Gouveia. Aljubarrota Revisitada. Universidade de Coimbra. 2001.
- (12) Quadro Elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal (...). J.P. Aillaud. 1853.
- (13) Lopes, Fernão. Crónica de El-Rei D. João I. Volume I. Escritorio. Lisboa. 1897.
- (14) Santos, Victor. Campo de Batalha, Lugar de Memória. Volume I. Universidade de Lisboa. 2010.

II

Revelações tomarenses que antecedem a Batalha de Aljubarrota (Parte II)

Artigo in Jornal Cidade de Tomar de 18 de Novembro de 2016



3ª Revelação Tomarense: Em Tomar foi delineada e treinada a tática a utilizar para a batalha, assim como, se recebeu informação sobre o inimigo.

No dia 4 de Agosto de 1385, dez dias antes da Batalha de Aljubarrota, há uma reunião do Conselho de D. João I em Abrantes, onde a maioria se declara contra uma eventual batalha com as tropas de D. Juan de Castela. D. Nuno Álvares Pereira insistia na importância do confronto e no dia seguinte, sem dar satisfação, partiu de madrugada com os seus homens até Tomar. Ocorreram neste período trocas de correspondência entre o Santo Condestável e D. João, onde D. Nuno defendeu a sua posição declarando que ele mesmo, com ou sem o auxílio do seu rei, faria frente aos invasores. (3) (11) (14) De acordo com algumas obras o encontro em Tomar entre as tropas de D. João I e as de D. Nuno terá ocorrido no dia 10 de Agosto, noutras é referida como tendo sido no dia 8 de Agosto, no entanto, de acordo com a obra Lusitana Sacra, a Chancelaria de D. João I apenas assinala a presença do rei em Abrantes no dia 5 e em Tomar no dia 10, parecendo óbvio segundo os autores que tal união tivesse ocorrido antes deste dia, tal como é apresentada na obra Monarquia Lusitana volume VIII, que afirma que o rei partiu de Abrantes para Tomar no dia 8. (3) (11) (14) Na próxima revelação tomarense (4ª) será apresentada uma situação que apoia a posição de que o encontro de Tomar terá ocorrido antes de 10 de Agosto. De acordo com a obra de Fernão Lopes, foi em Tomar que as táticas para a batalha terão sido colocadas em campo, podendo ter sido colocadas em prática no local onde pernoitaram, na região do Flecheiro, zona plana junto ao rio com boas características para o importante treino militar. (13) Segundo o cronista, "(...) d'homens d'armas e de pé e besteiros, e logo el-rei e o condestável concertaram suas batalhas, assim da vanguarda como da retaguarda, e as alas esquerda e direita, e que gentes e capitães haviam de ir em cada uma (...)" (13) Terá sido também de Tomar que D. Nuno enviou quatro homens, no sentido de obter informações sobre as posições castelhanas, assim como, uma mensagem escrita, dirigida ao rei de Castela, para entregar ao inimigo. De acordo com a obra de Fernão Lopes, a resposta aconteceu, tendo o rei D. Juan apresentado os motivos de pretender Portugal. Quando os enviados voltavam a Tomar terão aprisionado um espião português do lado castelhano que por ali cumpria a sua missão, "(...) e trouxeram aquele escudeiro até Thomar, e os três de

cavalo ficaram com ele nos olivais além da ponte, e um deles veio falar ao Condestável (...)”. (13) E assim, chegou a Tomar a primeira mão de informações sobre as tropas inimigas, sendo de assinalar nesta descrição, a menção da ponte romana tomarense e do olival.

4ª Revelação Tomarense: Gonçalo Annes Peixoto parte e volta a Tomar como intermediário dos reis

Em Tomar, D. João I envia também um mensageiro de nome Gonçalo Annes Peixoto, escudeiro da sua confiança, ao rei de Castela. Segundo Manuel Francisco de Barros a mensagem destinada à desistência de D. Juan de uma possível batalha, onde D. João se oferece para ser seu amigo e inimigo dos seus inimigos, tinha como intenção maior a de Peixoto observar quem estava presente e como estava organizado o exército invasor. (12) O encontro de Gonçalo Peixoto e o rei de Castela terá ocorrido em Pombal, onde de acordo com os cronistas o rei castelhano se mostrou aberto ao embate das forças. (13) (15) De acordo com José Eduardo da Silva, Peixoto volta a Tomar com a informação para o rei, tal como Fernão Lopes revela “e despedido d’ele voltou a Thomar”. (5) (13) Este momento temporal, desde a saída de Peixoto até ao seu regresso, permite melhor entender a questão do dia da junção dos exércitos não corresponder ao dia 10, pois a saída de Tomar do exército do rei português realizou-se a 11. (3) A ida de Gonçalo Peixoto até Pombal terá durado entre sete a nove horas de viagem, assim como o seu regresso, o que pode ser indicador que deverá ter saído de Tomar, no dia 8 ou 9, e ter voltado já a 10 ou 11, dando consistência aos autores que colocam a chegada do exército de D. João I a Tomar antes do décimo dia do mês de Agosto. Foi também por terras tomarenses, informação de enorme importância para a história de Tomar, que Gonçalo Annes Peixoto revela em particular a D. João I: “Digo-vos, senhor, (...) que naquele dia que eu cheguei fazia el’rei alardo (...) eles são sete mil lanças e dois mil ginetes; bestaria e homens de pé são tantos que não me atreverei a por conto, pajens e doutra gente de carriagem, é tanta a multidão que no mundo não há homem que não se espante, capitães e d’outras pessoas honradas vi (...) como Dom Pedro, filho do Marques de Vilhena, (...) D. Pedro Alvarez Pereira (...) irmão do nosso condestável; D. Gonçalo Nunes, Mestre de Alcântara e D. Pedro Dias, prior de São João, dizem que trazem uma ala; Pedro Gonçalves de Mendonça (...) traz muita gente consigo (...) somente João de Valhasco (...) quinhentas lanças. (...) D. João, filho de D. Telo, primo co irmão d’El rei (...) João Duque e Garcia Rodrigues (...)” (13) Perante a descrição do exército inimigo, D. João I pede a Peixoto para que não revele a ninguém o que lhe contou. Este terá sido o motivo principal do rei português, ao enviar um elemento conhecedor das cortes, conseguindo informação preciosa. (5) (13) (15) Na obra Os Patronos do Mosteiro de Grijó é mencionado o “cavaleiro” Gonçalo Peixoto e um filho seu, de acordo com o autor trata-se de Gonçalo Annes Peixoto, o corajoso português fiel a D. João I que arriscou a vida numa tarefa decisiva que partiu e voltou a Tomar. (11) (13) (14) (15) (16) A Batalha de Aljubarrota aconteceu na tarde de 14 de agosto de 1385, no Chão da Feira, em

Aljubarrota, com vitória das tropas de D. João I e de D. Nuno Álvares Pereira. (3) (14) (17)

Revelações Tomarenses

As Revelações Tomarenses apresentadas são momentos, documentados e presentes em diversas obras, que mostram ser de elevada importância para a história de Tomar, o que prova que devem ser integrados e evocados de futuro em publicações, eventos e motivos museológicos.

(Ilustração: Bandeira pessoal de D. João I com a sua divisa: «Pour bien».)

Bibliografia:

(3) Lvsitania Sacra. Nuno Álvares Pereira: a sua cronologia e o seu itinerário. Lisboa. 1960.

(5) Silva, José Soares da. Memória para a História de Portugal. Volume 3. 1732.

(11) Monteiro, João Gouveia. Aljubarrota Revisitada. Universidade de Coimbra. 2001.

(12) Barros, Manuel Francisco. Quadro Elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal (...). J.P. Aillaud. 1853.

(13) Lopes, Fernão. Crónica de El-Rei D. João I. Volume I. Escriptorio. Lisboa. 1897.

(14) Santos, Victor. Campo de Batalha, Lugar de Memória. Volume I. Universidade de Lisboa. 2010.

(15) Cardoso, Pedro. As informações em Portugal. Gradiva. Lisboa. 2004.

(16) Pizarro, José Augusto SM. Os Patronos do Mosteiro de Grijó. Porto. 1987.

(17) <http://ensina.rtp.pt/artigo/batalha-de-alljubarrota-documentario/>

III

Memórias de D. Nuno Álvares Pereira em Tomar

in Jornal Cidade de Tomar de 1 de Setembro de 2017



“UMA MULTIDÃO LUZIDA DOS MELHORES DA TERRA”

As “Revelações Tomarenses que antecedem a Batalha de Aljubarrota” publicadas no Jornal Cidade de Tomar a 21 de outubro e 19 de novembro de 2016, permitem retratar a importância histórica e estratégica que Tomar teve na Crise de 1383-1385 em diferentes momentos.

Ficou demonstrado que não nos devemos apenas cingir historicamente ao reencontro das tropas de D. Nuno Álvares Pereira e as de D. João I, simbolicamente lembrado na entrada da cidade pela Capela de S. Lourenço, fonte e Padrão de D. João I.

Tão valioso para a História de Tomar como este reencontro de tropas, são as táticas estudadas na vila após este momento, no entanto, estamos perante outro assunto de enorme importância histórica que não está incluído nas quatro revelações já apresentadas.

O seguinte assunto está presente na obra; “Vida de D. Nuno Álvares Pereira de 1723, escrita pelo Frei Domingos Teixeira, baseada noutras mais antigas como a Crónica do Condestável de Portugal Dom Nuno Álvares Pereira de autor anónimo e a Crónica de D. João I de Fernão Lopes (século XV).

Refiro-me aos acontecimentos ocorridos no período de tempo entre a chegada de D. Nuno Álvares Pereira a Tomar e a chegada de D. João I à mesma vila.

Segue-se a informação relevante, já com ajustes linguísticos para melhor entendimento:

“(...) passou logo a Thomar onde foi recebido pelos moradores da Villa com não vulgares demonstrações. Conduzido ao General uma multidão luzida dos melhores da terra que fora larga distância se lhe foram oferecer soldados e só admitiu companheiros; aqui sem tomar tempo para o descanso entrou nos novos e modestos cuidados de aquartelar os

soldados sem opressão dos patrões e conseguiu a rara felicidade de parecerem mais filhos que hospedes nas casas em que ficaram (...)”

Estariamos em Tomar a 6 ou 7 de Agosto de 1385, quando D. Nuno Álvares Pereira veio de Abrantes, após se desentender com D. João I por assuntos de guerra.

A juntar a esta deliciosa informação em que os nabantinos ofereceram os melhores filhos da terra a D. Nuno (onde estariam nobres, cavaleiros, povo entre outros) e estadia nas suas casas, há algo mais a partilhar:

“(...) Tardou El Rei dois dias sem que o Conde permitisse aos seus o andarem vagando porque aquele tempo que precisamente havia de esperar (...) no campo junto a S. Francisco onde formados em esquadrões diferentes se combatiam os companheiros nas aparências inimigos. O Condestável discorrendo a uma e outra parte animava à peleja fazendo daquele certame fingido argumento do valor ou juízo da fraqueza e formando conceito dos afectos na representação castigava a infâmia sem injuria dos cobardes ou escândalo dos tímidos com tão estranha (...) torná-los valentes o raro artificio de premiar os atrevidos (...) Os instrumentos marciais incitavam à briga os golpes sem piedade com que as lanças (...) as espadas se feriam (...) a confusão das vozes (...) aquele espetáculo grato (...)”

A descrição é ardente e rica, descreve muito bem o que se passou na Várzea Grande, frente ao Convento de S. Francisco; onde D. Nuno e os seus experientes homens, sem perder tempo com o desentendimento com D. João I que já estaria resolvido por carta e assim aguardavam a sua chegada em Tomar, treinaram esta gente nabantina através de cenários de guerra, momentos de medo e de euforia, com ambientação às espadas, lanças e outros artefactos de guerra.

Após estes dias de treino intensivo, aconteceu o histórico reencontro com a chegada do recém-aclamado Rei de Portugal D. João I a Tomar, foi montado acampamento, foram estudadas as táticas e novos momentos aconteceram até à partida do exército já unificado, tendo a Batalha de Aljubarrota acontecido a 14 de Agosto de 1385.

(Ilustração de Manuel Luiz – 1841)

Bibliografia:

Peixoto, João Amendoeira. *Revelações Tomarenses que antecedem a Batalha de Aljubarrota (Parte I)*. Jornal Cidade de Tomar, 21 de Outubro de 2016.

Peixoto, João Amendoeira. *Revelações Tomarenses que antecedem a Batalha de Aljubarrota (Parte II)*. Jornal Cidade de Tomar, 18 de Novembro de 2016.

Teixeira, Frei Domingos. *Vida de D. Nuno Álvares Pereira. Oficina da Música*. 1723.

IV

Memórias de D. Nuno Álvares Pereira em Tomar – Parte II

in Jornal Cidade de Tomar de 22 de Setembro de 2017



UM MILHÃO DE EUROS EM TOMAR

O artigo “Revelações Tomarenses que antecedem a Batalha de Aljubarrota” publicado no Jornal Cidade de Tomar de 21 de Outubro de 2016 aborda que D. Nuno Álvares Pereira terá sofrido uma tentativa de suborno em Tomar em Julho de 1384, à qual não cedeu.

É assim que nos contam os livros velhos, que de uma forma ou de outra procuram recontar os mestres tais como Fernão Lopes e o anónimo que escreveu a “Crónica Do Condestável” no século XV.

Esta nova abordagem que faço a D. Nuno pretende enriquecer a temática e mostrar a importância destes momentos que poderiam ter em tudo alterado o rumo da história e alterado tudo tal e qual como conhecemos.

Volvendo a obra “A vida de D. Nun’Álvares” (1893) da autoria de Joaquim Pedro Oliveira Martins (historiador, político, cientista), o momento é novamente relembrado:

“Viraram para leste direitos a Thomar, desmantelados como iam. Aí o judeu D. David, cujos bens Nun'alvares havia de herdar, se herdasse, aproximou-se d'ele sorrindo untuosamente, chocalhando a bolsa. Tinha ali mil dobras d'el-rei de Castela... mil dobras de ouro d'el-rei D. Pedro, como já se não cunhavam, agora que só havia prata. ' Sem o maltratar, Nun'alvares observou-lhe que só recebia dinheiro d'aqueles a quem servia.”

De notar o pormenor de que as moedas estão cunhadas com os elementos de um antigo rei à época, D. Pedro de Castela, pois em 1384 o rei de Castela é D. João de Trastâmara.

No artigo das revelações (2016) a obra utilizada foi a “Crónica dos Carmelitas” (1732) de José Pereira Santana, que interpela a mesma situação:

“Passando a Thomar foi notória a necessidade que teve de dinheiro e valendo-se da ocasião Gonçalo Vasques de Azevedo o mandou tentar por um Judeu de grande nome e muita riqueza neste Reino em quem totalmente confiava a Rainha Dona Leonor Telles

oferecendo-lhe como em atenção a El Rey de Castela mil dobras e mais se fosse servido: ao qual D Nuno Alvares Pereira, sem ignorar, a dissimulação, respondeu com prudência: Que lhe agradecia muito a atenção mas que por ora a ainda se podia remediar sem valer-se dele. Por este modo deu o ultimo desengano ao judeu que ficou tão admirado como confuso dos Autores do estratagema.”

Há de ter em consideração que os autores do dito “estratagema” são claramente D. Leonor e João de Castela, através dos seus subordinados.

A aceitação deste suborno por parte de D. Nuno, muito provavelmente teria levado ao sucesso do rei de Castela em Portugal, que seria aclamado rei; enquanto o mestre de Avis deveria ter sido obrigado a exilar-se junto dos ingleses; a ínclita família não teria existido e tudo o que com ela decorreria tal como a Era dos Descobrimentos; e por mais estranho que pareça provavelmente não teríamos a “Janela do Capítulo” em Tomar nem o “Mosteiro dos Jerónimos” em Lisboa.

Este momento é uma lição de moral para todos sem exceção, de acordo com as pequenas notas de Oliveira Martins nesta obra, “o valor comparado temos 28 contos de réis, para comprar o guerrilheiro. Outros se venderam por mais, e também por menos, nos nossos dias.”

Partindo da afirmação de Oliveira Martins e considerando que um conto de reis em 1893 valeria algo em torno de 1 kg de ouro, teríamos 28 Quilos de ouro, cujo valor se pode aproximar de 1 milhão de Euros (200 mil contos na moeda antiga).

A história pertence para a revermos e com ela aprendermos.

(Ilustração de Manuel Luiz – 1841)

Bibliografia:

- Santana, José Pereira. *Crónica dos Carmelitas*. 1745.
- Peixoto, João Amendoeira. *Revelações Tomarenses que antecedem a Batalha de Aljubarrota (Parte I)*. Jornal Cidade de Tomar, 21 de Outubro de 2016.
- Martins, Oliveira. *A vida de D. Nun`Álvares*. 1893.

Os Condestáveis de Tomar

in Jornal Cidade de Tomar de 8 de Dezembro de 2017



Através de factos apresentados em crónicas anteriores, mantenho a posição de que Tomar é o centro estratégico militar de D. João I e de D. Nuno Álvares Pereira durante a crise de 1383-1385. Um assunto que por vezes é desviado ou cuidadosamente abordado refere-se à posição da Ordem de Cristo durante este período, opinião que se apresenta inconstante e por vezes divergente entre os autores e investigadores destes assuntos.

Tomar é a sede da Ordem de Cristo, sucessora da Ordem dos Templários; e através do estudo da vida do mestre da Ordem de Cristo D. Lopo Dias de Sousa (1359-1417) poderemos traçar um caminho de discussões. D. Lopo foi elevado a mestre da ordem muito novo, em 1373, é sobrinho da rainha D. Leonor e, como tal, primo direito da Infanta D. Beatriz que casou com o rei de Castela D. Juan, o pretendente ao trono lusitano. O mestre da Ordem de Cristo, numa primeira fase apoiou as intenções da Rainha Regente, a sua tia D. Leonor, provavelmente aconselhado, tendo inclusive acompanhado a sua prima D. Beatriz ao encontro com o rei D. Juan de Castela em Elvas (1383) na abordagem para o casamento real. (1) (2)

No entanto, a aclamação de D. João de Avis como rei de Portugal, terá criado instabilidade de opinião na Ordem de Cristo, apontando uma inclinação para uma causa nacional, o que faz sentido tendo em conta as ocorrências que se seguiram, onde Tomar é o ponto de partida de dois exércitos em 1384, com a intenção de “desocupar” as tropas invasoras de território nacional. (2)

Na obra de Fernão Lopes, é possível perceber a tomada de posição do mestre da Ordem de Cristo por D. João de Avis, quando avançou sobre Ourém em 1384 que estava do lado castelhano, tendo feito prisioneiros familiares seus.

“Estando o Mestre assim d’esta forma, aos onze dias do mês de julho chegou-lhe recado por certo recontamento, que o mestre de Cristo D. Lopo Dias de Sousa, não por força mas por consentimento de alguns moradores de Ourém, tomara a dita vila, que estava por Castela, e mantinha sua voz, e a possuía sob o senhorio do Mestre, do qual lugar foram tomados e presos dois filhos de João Afonso, conde de Barcelos, irmão da rainha

D. Leonor, e todos os homens de armas que o dito conde tinha para guardar de ele, e ao Mestre” (3)

O mestre da Ordem de Cristo voltou novamente, saindo de Tomar, a uma nova ofensiva no mês de novembro, mas que, no entanto, não teve tanto sucesso.

“No mês de Novembro D. Lopo Dias de Souza, da Villa de Thomar, e com ele D. Álvaro Gonçalves Camello, priol que chamavam Espirital, e Rodrigues Pereira, irmão de Nuno Álvares, e outros, e foram cercar Torres Vedras, levando consigo oitenta lanças e homens de pé e besteiros, e fez levar um engenho pequeno com que lhe mandava tirar às vezes alguns combatentes, que lhe pouco empecimento faziam.” (3)



Eis aqui um engenho curioso, que da forma como é descrito deveria ser algo de sofisticado para aquele tempo mas cujo uso e forma de funcionamento seriam ainda primordiais e complexos. Sugiro de que se trataria de uma bombardarda, que se tratava de um canhão primitivo, constituído por uma chapa de aço forjada em formato tubular reforçada com cintas metálicas.

De acordo com Fernão Lopes, as tropas de D. Lopo mantiveram o cerco sobre Torres Vedras durante vários dias, onde Afonso Lopes Teixeira era o Alcaide. Em Santarém quando tomaram conhecimento do cerco, enviaram uma força castelhana que apanhou as tropas do cerco desprevenidas, tendo D. Lopo e os demais sido presos. Devo manifestar que Torres Vedras e Torres Novas são confundidas em diversas literaturas com bastante facilidade, neste caso, verifiquei, e o local da ocorrência foi mesmo Torres Vedras.

D. Lopo Dias de Sousa ficou preso até após a Batalha de Aljubarrota, onde vários eram os portugueses que estariam do lado de Castela, no entanto, encontrei uma passagem que considero ser interessante, pela mão de Fernão Lopes, quando um tal de Pero Botelho, comendador mor de Cristo, oferece o seu cavalo ao Condestável.



“O condestável por mandado d’el Rei se tornou contra a retaguarda de pé como estava, e por o grão trabalho que houveram não pôde ir tão depressa como ele queria, nem tinha besta em que fosse, e Pero Botelho, comendador mor de Cristo, vinha em cima de um bom cavalo, e como o viu o conde assim ir a pé, desceu-se do cavalo e deu-lho, e o conde lhe agradeceu muito por suas boas palavras, e cavalgou em ele e foi aos homens de pé que na retaguarda estavam e achou-os em muito grande perigo (...)”(3)

Considero deliciosa a seguinte informação que se refere aos homens que vão na mesma barca para Ceuta, agora em 1415, momento que parece estar relacionado com tudo inclusive ao exército que saiu de Tomar em 1384, pois os homens estão lembrados juntos. Era como se Fernão Lopes desse um final feliz a uma recordação antiga:

“Ião com El Rei, depois dos infantes D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique (...) D. Fernando (...) o Condestável D. Nuno Álvares Pereira, Álvaro Pereira, seu sobrinho, filho de Rodrigo Álvares Pereira, D. Lopo Dias de Sousa, (...) D. Álvaro Gonçalves Camello, Prior do Crato, João Rodrigues de Sá (...)” (4)

Esta é a barca dos novos e dos velhos, trinta anos após Aljubarrota, onde diferentes gerações deram rumo áquilo que seria a Era dos Descobrimentos. De notar que o filho de Rodrigo Pereira, o mesmo de 1384, também marca presença, talvez no lugar do pai. São estes pormenores que atribui à crónica de D. Fernão Lopes ser de uma riqueza notável de génio e no que toca à história de Tomar, uma fonte de aprendizagem que merece outro destaque.

Os Condestáveis de Tomar são eles D. Lopo Dias de Sousa, Rodrigo Álvares Pereira, Pero Botelho e Álvaro Gonçalves Camelo. Ficam aqui batizados.

(Ilustrações de *Jean Froissart*)

Bibliografia:

(1) Sousa e Silva, Isabel. D. Lopo Dias, Mestre da Ordem de Cristo. População e Sociedade. Porto. 2015.

2) <http://www.conventocristo.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=224>

(3) Lopes, Fernão. Crónica de El-Rei D.João I. Volume II. Escritorio. Lisboa. 1897.

(4) Silva, José Soares. Memórias para a História de Portugal. Volume III. 1732.

FIM